

# ESCALA DE CARACTERÍSTICAS DE LEITURA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

*Altemir José Gonçalves Barbosa<sup>1</sup> – Universidade Federal de Juiz de Fora Minas Gerais, Brasil*  
*Lara Carolina de Almeida – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil*

---

## RESUMO

Para testar hipóteses que previam que a Escala de Características de Leitura, instrumento utilizado para nomeação de dotação e talento (D&T) em leitura por docentes, é unidimensional, apresenta correlações positivas elevadas, possui elevada consistência interna e se correlaciona positivamente, mas não fortemente, com leitura de palavras isoladas e compreensão de texto, alunos do Ensino Fundamental foram avaliados por meio deste instrumento, por seus professores (N = 19). Os 528 estudantes também tiveram seu desempenho em leitura de palavras isoladas avaliado por meio do Teste de Desempenho Escolar. O Teste de Cloze foi aplicado em pequenos grupos de alunos e mediu a compreensão de texto. As hipóteses, ainda que de forma limitada, foram corroboradas. As limitações do estudo, a relevância da identificação de D&T para leitura e, conseqüentemente, o imperativo de atender às necessidades educacionais especiais desses leitores também são consideradas neste artigo.

*Palavras-chave:* dotação e talento; leitura; professor; avaliação.

## SCALE OF READING CHARACTERISTICS: EVIDENCES OF VALIDITY

### ABSTRACT

In order to test four hypothesis which predicted that: (i) the Escala de Características de Leitura – a tool used for teachers' nominations of reading giftedness and talent (G&T) – is unidimensional, (ii) show high positive item-total correlations, (iii) has high reliability and (iv) is positively correlated, but not strongly, with reading single words and text comprehension, elementary school students were assessed with this measure by their teachers (N = 19). The 528 students also had their performance in reading single words measured by the Teste de Desempenho Escolar one-to-one. The Cloze Test was applied in small groups of students and measured the text comprehension. The four hypothesis, albeit limited, have been corroborated. The limitations of the current study, the relevance of the identification of reading G&T and, consequently, the imperative to meet the special educational needs of these readers are also considered in this paper.

*Keywords:* giftedness and talent; reading; teacher; assessment.

## ESCALA DE CARACTERÍSTICAS DE LECTURA: EVIDENCIAS DE VALIDEZ

### RESUMEN

para testar hipótesis que preveían que la Escala de Características de Leitura, instrumento utilizado para nominación de dotación e talento (D&T) en lectura por docentes, es unidimensional, presenta correlaciones positivas elevadas, posee elevada consistencia interna y se correlaciona positivamente, pero no fuertemente, con lectura de palabras aisladas y comprensión de texto, alumnos de la enseñanza básica fueron evaluados por medio de este instrumento, por sus profesores (N = 19). Los 528 estudiantes también tuvieron su desempeño en lectura de palabras aisladas evaluado por el Teste de Desempenho Escolar. El Teste de Cloze fue aplicado en pequeños grupos de alumnos y midió la comprensión de texto. Las hipótesis, aunque de manera limitada, fueron corroboradas. Las limitaciones del estudio, la relevancia de la identificación de D&T para lectura y, conseqüentemente, el imperativo de atender a las necesidades educacionales especiales de esos lectores también son consideradas en este artículo.

*Palabras-clave:* dotación y talento; lectura; profesor; evaluación.

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência:  
Rua Santos Dumont, 214 – Granbery - Juiz de Fora – MG  
CEP: 36010-510  
Telefone: 3216-1029 / 2102-3103  
E-mail: altgonc@uol.com.br

Escalas para nomeação por professores com robustas evidências de validade constituem uma medida de altas habilidades/superdotação – aqui denominadas dotação e talento (D&T) – que pode contribuir de forma significativa no processo de identificação de estudantes com estas características. Jarosewich, Pfeiffer e Morris (2002) ressaltam que esses instrumentos, se bem elaborados, propiciam aos docentes uma forma confiável e eficiente de sintetizar as percepções que têm dos discentes, que são decorrentes de incontáveis observações em sala de aula e da realização de muitas atividades escolares. É preciso destacar que medidas ‘bem elaboradas’, incluindo, evidentemente escalas para nomeação por professores, devem, dentre outras propriedades psicométricas, possuir uma estrutura fatorial clara e coerente com a perspectiva teórica que as fundamenta, apresentar correlações positivas fortes entre os itens e o total, ter elevada consistência interna e se correlacionar com medidas que avaliam construtos análogos (Conselho Federal de Psicologia, 2003; Maroco & Garcia-Marques, 2006; Pasquali, 1999, 2003, 2010).

Não obstante o conhecimento ou, pelo menos, a possibilidade de conhecer mais profundamente os discentes que os docentes têm, a fiabilidade da nomeação por professores é controvertida (Barbosa, Pereira & Gonçalves, 2009). De acordo com Güenther (2006), o estudo de Pegnato e Birch, na década de 1950, foi seminal para o estabelecimento da noção de que esses profissionais não são capazes de reconhecer D&T. Desde então, as limitações dessa estratégia e/ou as evidências de que se trata de um procedimento confiável têm sido amplamente debatidas (Balchin, 2007; Bracken & Brown, 2008; Gagné, 1995; Neber, 2004; Oliveira, 2007; Siegle & Powell, 2004; Tudor, 1994).

Apesar do debate, ao lado dos testes de inteligência e desempenho, das entrevistas, dos questionários e *checklists*, da avaliação de produtos (desenhos, textos etc.) e da observação direta de comportamentos, as escalas para nomeação por professores estão entre as medidas mais utilizadas para identificar D&T (Ziegler & Raul, 2000). Ao pesquisar três grupos de educadores estadunidenses – especialistas em educação de alunos com D&T, administradores e professores de salas de aula regulares, Schroth e Helfer (2008) verificaram que, para os últimos, a nomeação por professores é considerada a avaliação que deve determinar se um

estudante participará ou não de um programa para o desenvolvimento de talentos.

Assim, a despeito das controvérsias, a nomeação por professores tem sido parte essencial de várias propostas que almejam identificar alunos com D&T (Siegle, Moore, Mann & Strulson, 2006). Para exemplificar, mencionam-se a estratégia adotada pelo Centro para Desenvolvimento de Potencial e Talento (CEDET) de Lavras, Minas Gerais, Brasil (Freeman & Güenther, 2000; Güenther, 2006, 2008), o Modelo Dinâmico de Capacidade-Desempenho de Munique (Heller & Perleth, 2008) e, principalmente, o Modelo das Portas Giratórias (Renzulli, 2005; Renzulli & Reis, 1985; Renzulli, Reis & Smith, 1981).

O Modelo das Portas Giratórias é, sem dúvida, uma das propostas de identificação de D&T mais conhecidas no Brasil, porém, tem sido pouco utilizado em toda sua extensão e, principalmente, pouco pesquisado no que diz respeito a sua validade para o contexto brasileiro. Há que se ressaltar que é crucial adotar práticas de avaliação adequadas ao identificar estudantes com D&T, uma vez que é com base nas informações coletadas neste processo que serão estabelecidas as atividades educacionais (Jarosewich e cols., 2002) que almejam o florescimento de talentos.

A Concepção dos Três Anéis é base do Modelo das Portas Giratórias e preconiza que D&T são decorrentes da confluência de três características: criatividade; envolvimento com a tarefa; e capacidade acima da média (Renzulli, 1978, 2004, 2005). A representação gráfica dessa perspectiva é feita, comumente, na forma de um diagrama de Venn com três círculos que se entrelaçam. Procura-se transmitir a ideia de uma estrutura dinâmica, pressupondo interação, movimento e mudança contínua, e não uma estrutura estática (Renzulli, 2004). Há que se destacar, contudo, que os três grupamentos não precisam estar presentes simultaneamente para um indivíduo ser considerado possuidor de D&T; basta ser identificado em um deles e apresentar capacidade de desenvolver as demais características (Renzulli, 1978, 1990, 2004, 2005).

A identificação de pessoas com as mais diferentes formas de D&T pelo Modelo das Portas Giratórias é realizada em seis etapas (Renzulli e cols., 1981): 1) nomeação por testes; 2) nomeação por professores; 3) caminhos alternativos (nomeação por pais, nomeação por pares,

autonomeação etc.); 4) nomeações especiais; 5) notificação e orientação aos pais; e 6) nomeação pela informação da ação. Há que se destacar que as duas primeiras fases incluem automaticamente os alunos no grupo de pessoas com características de D&T, enquanto as demais demandam estudo de caso (Renzulli cols., 1981), e que, neste artigo, apenas o segundo passo será enfatizado.

A nomeação por professores busca garantir aos estudantes, que não apresentam características facilmente identificáveis pelos testes de inteligência e/ou desempenho (por exemplo, níveis elevados de criatividade, compromisso com a tarefa, interesse incomum etc.), a participação no grupo de talentos (Renzulli, 1990). Os alunos identificados por professores são igualmente aceitos no grupo de D&T, juntando-se àqueles nomeados por testes. São inseridos no agrupamento de talentosos todos que alcançam percentil local igual ou superior a 85 nessa etapa (Renzulli e cols., 1981). No entanto, Pereira (2010) verificou que esse ponto de corte levou a uma sobrenomeação no contexto brasileiro e recomendou o uso de um percentil local 92.

A nomeação por professores constitui uma alternativa à modalidade tradicional de identificação de dotação e talento baseada em medidas psicométricas e de desempenho padronizadas; estratégia esta bastante criticada na literatura nacional e internacional. Ela se mostra um importante instrumento que, associado ao resultado dos testes padronizados de inteligência e de desempenho, fornece uma identificação mais abrangente, uma vez que torna possível a avaliação de outros fatores relevantes que não os apreendidos pela psicometria tradicional. Contudo, assevera-se que há que se ter o cuidado de orientar adequadamente o professor que irá fazer a nomeação, para que ele não incorra no erro de ser um ‘sobrenomeador’, ou ‘subnomeador’ (Pereira, 2010).

Para essa etapa, Renzulli, Smith, White, Callahan e Hartman (1976) elaboraram um conjunto de escalas padronizadas a serem preenchidas por educadores. Tratam-se das *Scales for Rating the Behavioral Characteristics of Superior Students* (SRBCSS), que tiveram sua primeira edição nos anos 1970 e foram revisadas (Renzulli e cols., 2002) e ampliadas (Renzulli e cols., 2004) na década passada. Elas estão entre os instrumentos mais utilizados para a identificação D&T nos Estados Unidos e foram traduzidas para várias línguas (Renzulli, Siegle, Reis, Gavin & Reed, 2009).

Devido ao Modelo das Portas Giratórias ser, por princípio, mais inclusivo, pressupondo que uma gama mais ampla de estudantes pode ser capaz de desenvolver comportamentos de D&T, novas escalas foram adicionadas às SRBCSS em 2004 (Renzulli e cols., 2009). Para avaliar mais domínios de D&T, medidas de características de ciência, tecnologia, matemática e, especialmente, leitura foram adicionadas às dez preexistentes: 1) aprendizagem, 2) criatividade, 3) motivação, 4) liderança, 5) arte, 6) música, 7) teatro, 8) comunicação (precisão), 9) comunicação (expressividade) e 10) planejamento. Todas foram submetidas a um processo de desenvolvimento baseado em pesquisa, almejando e conseguindo garantir propriedades psicométricas como validade, fidedignidade, objetividade e praticidade (Renzulli e cols., 2009).

Estudos, como, por exemplo, os de Lohman e Lakin (2007), Shaunessy e Karnes (2004) e Siegle (2004), têm buscado e conseguido obter evidências de validade para algumas das SRBCSS. Todavia, para a Escala de Características de Leitura, elas foram apresentadas somente para a versão estadunidense por Renzulli e cols. (2009).

Os autores submeteram a Escala de Características de Leitura – as outras três novas escalas também – a uma avaliação por juízes *experts* na área que a consideraram adequada. Efetuaram, também, uma análise fatorial confirmatória que evidenciou a adequação dessa medida, sendo que, ao final do processo de busca de evidências de validade, obteve-se um instrumento unidimensional composto por seis itens, com alfa de Cronbach igual a 0,96 e que apresentou correlação item-total positiva forte – acima de 0,95.

Há que se destacar que não foram encontrados, até o momento, estudos com evidências de validade da Escala de Características de Leitura para o contexto brasileiro, apesar de ela ter sido usada por Pereira (2010). Esse autor verificou, apenas, que ocorreu uma sobrenomeação ao utilizá-la, mesmo com um percentil de 92.

Ressalta-se, ademais, que correlações entre os escores das SRBCSS e os obtidos em testes de inteligência tradicionais (como, por exemplo, WISC), podem ser fracas ou, no máximo, moderadas, pois as escalas almejam, justamente, avaliar características de D&T que ‘escapam’ da testagem tradicional (Renzulli e cols., 2009). Por analogia, é possível pressupor que as avaliações que buscam

identificar leitores com D&T por meio da Escala de Características de Leitura e com testes de desempenho apresentem, também, correlações fracas ou moderadas, já que a primeira medida tem como foco principal os anéis relacionados à criatividade e ao envolvimento com a tarefa.

Reitera-se que, apesar de o modelo teórico-prático de dotação e talento de Renzulli exercer influência nas políticas públicas brasileiras, nas pesquisas e nas práticas no âmbito da educação para estudantes com D&T, muito pouco conhecimento tem sido produzido para obter evidências de validade do Modelo das Portas Giratórias para o Brasil. Assim, este estudo testou as hipóteses que propõem que: a Escala de Características de Leitura é unidimensional; essa medida possui elevada consistência interna; os itens desse instrumento apresentam correlação positiva elevada com o total; e as nomeações efetuadas por professores se correlacionam positivamente com leitura de palavras isoladas e compreensão de texto, mas não fortemente.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram deste estudo 528 alunos do segundo ao sétimo anos do Ensino Fundamental de quatro escolas de Juiz de Fora - MG, sendo duas públicas e duas privadas. As professoras (N = 19) de Língua Portuguesa desses estudantes também participaram da investigação.

A idade média em anos dos discentes foi de 9,83 (DP = 1,86;  $6 \leq 15$ ), sendo que 51,1% deles eram do sexo masculino. Eles cursavam o segundo (14,39%; n = 76), terceiro (12,88%; n = 68), quarto (17,80%; n = 94), quinto (15,15%; n = 80), sexto (19,13%; n = 101) ou sétimo ano (20,64%; n = 109) do Ensino Fundamental.

A amostra foi obtida de forma não probabilística, participando todos os estudantes das turmas alvo. As escolas públicas foram escolhidas a partir do desempenho na Prova Brasil (INEP, 2007), especificamente em Língua Portuguesa. A escolha das duas escolas privadas baseou-se no nível de ensino, que não deveria ser discrepante em relação ao das escolas públicas. O critério utilizado para tal ponderação foi a comparação entre as notas obtidas pelas escolas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (INEP, 2009).

### *Instrumentos*

A identificação de leitores talentosos foi feita de acordo com as duas primeiras etapas do Modelo das Portas Giratórias (Renzulli, 2005; Renzulli & Reis, 1985; Renzulli e cols., 1981), ou seja, nomeações por teste e por professores. No primeiro passo, foram utilizados dois instrumentos: o Subteste de Leitura do Teste do Desempenho Escolar (Stein, 1994); e dois testes de Cloze (Santos, 2005). A Escala de Características de Leitura das SRBCSS (Renzulli e cols., 2004) foi empregada no segundo caso.

O Subteste de Leitura do Teste do Desempenho Escolar – TDE (Stein, 1994) avalia capacidades fundamentais para o desempenho escolar de alunos do segundo ao sétimo ano do Ensino Fundamental. O TDE possui três subtestes: escrita; aritmética; e leitura. No entanto, nesta pesquisa, só foi utilizado o subteste de leitura, que avalia a capacidade de ler palavras isoladas do contexto, ou seja, decodificar palavras, independente de seu significado.

Trata-se de um instrumento padronizado, que apresenta propriedades psicométricas satisfatórias. A escala de leitura foi construída inicialmente com 75 palavras, levando em consideração a gradação dos fonemas segundo as relações fonológico-ortográficas, o número de sílabas, o grau de familiaridade do vocábulo e os padrões silábicos. Após a análise de consistência interna, foram eliminados cinco itens que apresentaram coeficiente de correlação item-total baixo. Dessa forma, o subteste de leitura passou a ser composto por 70 palavras. Essa versão da medida apresentou elevada consistência interna (Alfa = 0,99). Segundo a análise de variância apresentada pelo manual do instrumento para o subteste de leitura, as diferenças entre as séries representaram 47% da variância ( $p < 0,001$ ), determinando que a normatização fosse feita por série. Não foi encontrada diferença significativa por tipo de escola (pública ou privada), indicando que não havia necessidade de normatização por tipo de escola.

Foram utilizados todos os itens do subteste de leitura, sendo que, para cada palavra lida de forma correta, o aluno recebia um ponto, podendo atingir um total de 70 pontos. Ressalta-se que, caso o aluno errasse na primeira vez que lia a palavra, era dada uma segunda oportunidade para ler corretamente, como recomenda o manual do teste.

Os dois textos de Cloze têm diferentes níveis de dificuldade. Assim, um – Uma Vingança Infeliz



(Santos, 2005) – foi aplicado a alunos do segundo ao quinto ano e o outro – Coisas da Natureza (Santos, 2005) – foi usado com estudantes do sexto e sétimo anos. O primeiro texto é constituído por 103 palavras, das quais foram omitidas 15, e o segundo por 232 palavras, sendo 40 palavras suprimidas. Ambos os textos condizem com a forma mais clássica do teste, ou seja, os quintos vocábulos foram retirados. As lacunas a serem preenchidas variavam de acordo com o tamanho da palavra que melhor completava o sentido do texto.

Santos (2005) fez um estudo de validade do Teste de Cloze com o texto ‘Uma Vingança Infeliz’ (Santos, 2005). Participaram 314 alunos do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. A análise dos dados demonstrou parâmetros psicométricos adequados, apresentando evidências de validade de critério e consistência interna satisfatória. A análise da variância indicou haver diferença significativa entre as séries. Essa diferença foi detalhada pelo teste de Tukey, que separou os escores das crianças nos grupos correspondentes às séries frequentadas. A análise da consistência interna com alfa de Cronbach apresentou índices de precisão satisfatórios, isto é, acima de 0,60 tanto no geral quanto ao considerar as séries.

A correção do Teste de Cloze pode ser feita de duas maneiras: 1) literal ou verbatim, que preconiza que o acerto só pode ser computado mediante o preenchimento correto da palavra exata que foi omitida, respeitando inclusive a grafia e a acentuação gráfica; e 2) sinônima, que considera como correto um sinônimo da palavra suprimida, desde que seja utilizado um critério para a consideração do sinônimo (p. ex. dicionário conceituado da língua). Para a presente investigação, foi utilizada a correção verbatim, que minimiza o efeito da subjetividade na avaliação das respostas, sendo atribuído um ponto para cada resposta correta. No texto ‘Uma Vingança Infeliz’ podia-se obter um máximo de 15 pontos, já no texto ‘Coisas da Natureza’ o escore máximo podia chegar a 40 pontos (número total de omissões). As lacunas deixadas em branco foram consideradas como erros.

A Escala de Características de Leitura (Renzulli e cols., 2004) avalia a percepção dos professores quanto às características de cada aluno na área de leitura. Ela é composta por seis itens (p. ex., “Busca material de leitura com nível avançado”, Barbosa e cols., 2007, p. 32) que medem, entre outros fatores, o envolvimento em atividades de leitura, o tempo

dispensado nestas atividades e o interesse por materiais literários diversos. O professor deve responder o instrumento em uma escala Likert de seis pontos, sendo: 1) Nunca; 2) Muito raramente; 3) Raramente; 4) Ocasionalmente; 5) Frequentemente; 6) Sempre. Trata-se de um instrumento projetado em consonância com a literatura de pesquisa sobre o desenvolvimento de pessoas dotadas e criativas.

Como destacado anteriormente, não há evidências de validade da Escala de Características de Leitura para o contexto brasileiro. A versão utilizada foi traduzida e adaptada para a língua portuguesa do Brasil por Barbosa e cols. (2007), que efetuaram apenas retrotradução e análise semântica dos itens.

### *Procedimentos*

Após terem sido cumpridos os procedimentos éticos necessários, incluindo a aprovação por comitê de ética (CAAE-0046.0.180.000-10) e a obtenção do consentimento livre e esclarecido, a coleta de dados foi efetuada na própria escola onde os estudantes estavam matriculados. A aplicação do TDE foi individual e seguiu as normas de aplicação descritas no manual do instrumento (Stein, 1994). Os Testes de Cloze foram aplicados em grupos e os padrões de aplicação utilizados foram sugeridos pela autora dos instrumentos: solicitou-se aos alunos que lessem o texto completo e depois escrevessem a palavra que completasse melhor o seu sentido, sendo informado que o tamanho do traço correspondia ao tamanho da palavra (A. A. Santos, comunicação pessoal, 4 de maio de 2010). A Escala Características de Leitura foi preenchida pelos responsáveis pela disciplina de língua portuguesa de cada uma das turmas alvo, sendo respondido um instrumento para cada aluno da turma.

## **RESULTADOS**

Para testar a hipótese de que a Escala de Características de Leitura possui estrutura unidimensional, efetuou-se uma análise fatorial exploratória. A fatorialidade dos itens foi evidenciada tanto pelo *KMO* (0,90) quanto pelo Teste de Esfericidade de Bartlett ( $\chi^2[528, gl = 15] = 2970,21; p < 0,01$ ).

Optou-se por efetuar uma Análise de Componentes Principais sem predefinir o número de fatores que seriam extraídos, sendo retidos no cálculo somente aqueles com valores próprios superiores

a um. Apenas um componente atendeu a esse pré-requisito (Figura 1).

O único componente da Escala de Características de Leitura abrange todos os seis itens, possui valor próprio bastante elevado e explica aproximadamente 80% da variância. Além disso, todos os itens possuem cargas fatoriais expressivas (Tabela 1).

A Escala de Características de Leitura apresenta, ademais, elevada consistência interna, a qual pode ser evidenciada tanto pelo Alfa de Cronbach de toda a medida (Tabela 1) quanto pelo método das duas metades (Alfa de Cronbach da 1ª metade = 0,91; Alfa de Cronbach da 2ª metade = 0,92). Nesse último caso, a correlação entre as duas partes foi positiva e alta ( $R = 0,85$ ). Destaca-se, ainda, que a exclusão de itens não alteraria substancialmente a média, a variância e a consistência interna da medida (Tabela 2). Cumpre destacar que a média da escala foi 25,66 (DP = 6,86), sendo que o escore mínimo foi seis e o máximo 36.

Todos os itens se correlacionaram positivamente e de forma significativa com o total da Escala de Características de Leitura (Tabela 2). Os coeficientes de correlação de Pearson item-total obtidos podem ser considerados indicadores de correlações fortes.

A Tabela 3 sumariza os coeficientes de correlação de Pearson entre o escore total da Escala de Características de Leitura e as medidas de leitura TDE e Teste de Cloze. As associações entre as variáveis foram feitas para cada série, pois, como descrito no Método, foram utilizados dois testes de Cloze (Santos, 2005), sendo um do segundo ao quinto ano e outro para o sexto e o sétimo anos. Ressalta-se que a opção por efetuar correlações série por série foi decorrente do fato de serem esperados desempenhos distintos entre as séries tanto no TDE quanto no Teste de Cloze.

Obtiveram-se correlações positivas significativas entre a Escala de Características de Leitura e o TDE em quatro das seis séries alvo. As exceções

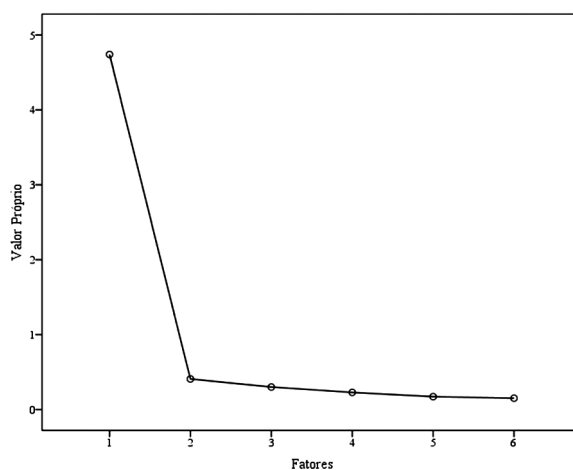


Figura 1 - Representação gráfica dos valores próprios da Escala de Características de Leitura.

Tabela 1 - Estrutura fatorial e consistência interna da Escala de Características de Leitura.

Itens	Carga fatorial	Valor próprio	Variância explicada	Alfa de Cronbach
Item E	0,90			
Item B	0,90			
Item D	0,89	4,74	78,99%	0,95
Item F	0,89			
Item C	0,88			
Item A	0,86			

Tabela 2 - Estatísticas da Escala de Características de Leitura caso algum item fosse excluído e coeficientes de Pearson item-total.

Itens	Média	Variância	Alfa de Cronbach	Correlação Item-Total
Item A	21,12	34,72	0,94	r = 0,86*
Item B	21,49	33,34	0,93	r = 0,90*
Item C	21,22	33,47	0,94	r = 0,88*
Item D	21,73	31,54	0,94	r = 0,90*
Item E	21,40	32,75	0,93	r = 0,91*
Item F	21,36	32,26	0,94	r = 0,89*

\* $p < 0,00$ .

Tabela 3 - Coeficientes de Pearson e medidas de leitura por série.

Medidas de leitura	Séries	Escala de Características de Leitura		
		<i>r</i>	<i>p</i>	<i>N</i>
TDE	Segundo ano	0,47	0,00	76
	Terceiro ano	0,49	0,00	68
	Quarto ano	0,27	0,01	94
	Quinto ano	0,14	0,21	80
	Sexto ano	0,25	0,01	101
	Sétimo ano	0,05	0,58	109
Teste de Cloze	Segundo ano	0,50	0,00	76
	Terceiro ano	0,48	0,00	68
	Quarto ano	0,49	0,00	94
	Quinto ano	0,15	0,19	80
	Sexto ano	0,45	0,00	101
	Sétimo ano	0,19	0,04	109

foram o quinto e o sétimo anos. As correlações foram fracas no quarto e no sexto anos e moderadas no segundo e no terceiro anos.

Resultados análogos foram obtidos para a associação entre a Escala de Características de Leitura e o Teste de Cloze. Porém, nesse caso, somente o quinto ano foi exceção e só houve correlação positiva significativa fraca no sétimo ano. Assim, evidentemente, as correlações foram significativas, positivas e moderadas para os escores do segundo, terceiro, quarto e sexto ano.

### DISCUSSÃO

A identificação é o ponto de partida para conhecer estudantes com características de D&T

e, conseqüentemente, indispensável para que estratégias de desenvolvimento deste potencial sejam propostas. O não atendimento às especificidades desse público pode ser extremamente prejudicial para seu desempenho ulterior. Leitores talentosos que não são devidamente estimulados ou desafiados podem regredir em direção à média, ou mesmo, com o passar do tempo, tornarem-se inferiores (Moore, 2005). Isso ocorre devido à desmotivação por eles vivenciada ao serem submetidos a materiais pobres e atividades fáceis, quando comparadas a sua capacidade (Wood, 2008). Portanto, identificar D&T em leitura é fundamental para que se possa atender às necessidades educacionais especiais de alunos com esta característica.

A identificação de qualquer tipo de D&T, incluindo evidentemente leitura, demanda instrumentos com robustas evidências de validade. Testes de desempenho não são suficientes, uma vez que eles tendem a negligenciar a criatividade e o envolvimento com a tarefa, que são, para Renzulli (1978, 2004, 2005), dimensões essenciais de D&T. Docentes adequadamente preparados e munidos de uma medida fiável para nomeação podem desempenhar um papel fundamental na avaliação desses dois construtos, bem como da capacidade superior de ler, pois se tornam observadores privilegiados quantitativa e qualitativamente do comportamento ledor dos discentes.

Os resultados deste estudo permitem afirmar, ainda que de forma parcimoniosa, que a Escala de Característica de Leitura, versão brasileira de uma das 14 SRBCSS (Renzulli e cols., 2004), representa uma medida útil para que os professores se tornem nomeadores confiáveis de D&T neste domínio. As quatro hipóteses testadas nesta investigação foram corroboradas, denotando que essa medida possui evidências de validade para o contexto brasileiro.

A unidimensionalidade da escala foi evidenciada com uma análise de componentes principais com critério de Kaiser, ou seja, reter fatores com valor próprio maior ou igual a um. Esse resultado é fundamental, pois denota, como proposto por Renzulli e cols. (2009), que os seis itens componentes da medida avaliam um único construto denominado características de leitura. Reitera-se que as cargas fatoriais obtidas estão muito acima do que Pasquali (1999) destaca como adequado (0,3). Além disso, a variância explicada pelo fator é bastante elevada.

As correlações entre os itens e o total são, também, indicadoras da unidimensionalidade da Escala de Características de Leitura. Além de positivas, elas podem ser consideradas fortes de acordo com o critério proposto por (Dancey & Reidy, 2006).

Corroborou-se, ademais, que a medida possui elevada consistência interna (Conselho Federal de Psicologia, 2003; Maroco & Garcia-Marques, 2006). Os resultados obtidos por dois métodos atestam isso, sendo que o Alfa de Cronbach é equivalente ao constado por Renzulli e cols. (2009). Ressalta-se, novamente, que a exclusão de itens não elevaria necessariamente essa propriedade psicométrica da Escala de Características de Leitura. Eliminar itens é um procedimento aceitável quando isto aumenta

significativamente o alfa do instrumento (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

De modo geral, a hipótese que previa correlações positivas fracas ou moderadas entre o escore total da Escala de Características de Leitura e as medidas de leitura TDE e Teste de Cloze também foi corroborada, ainda que isto não tenha ocorrido em todas as associações. Desse modo, reitera-se que as SRBCSS, incluindo, evidentemente, a medida que é foco principal deste artigo, medem características de D&T não mensuradas na testagem tradicional (Renzulli e cols., 2009).

Os resultados que corroboraram as hipóteses de unidimensionalidade, correlações item-total positivas e elevadas e de elevada consistência interna devem ser considerados com cautela, uma vez que, de fato, a amostra de professores está abaixo do tamanho recomendado (ver, por exemplo, Pasquali 2003 e 2010). Apesar de haver uma quantidade elevada de instrumentos preenchidos para cada item da medida, reitera-se que somente 19 docentes efetuaram o preenchimento da Escala de Características de Leitura para os 528 discentes, já que eles avaliaram todos os alunos de suas turmas. Além disso, a realização de uma análise fatorial confirmatória é recomendada para que se corrobore a existência de uma única variável subjacente aos seis itens da escala. Sugere-se, portanto, a realização de pesquisas que supram essas limitações, sendo que elas podem ser estendidas para as outras 13 SRBCSS.

Não obstante as limitações deste estudo, é possível afirmar que a Escala de Características de Leitura é um instrumento promissor para a identificação de D&T em leitura. Ela pode colaborar, ainda que modestamente, para diminuir a enorme lacuna de medidas para nomeação por professores, que existe no Brasil e que tem gerado um descompasso entre o que se faz aqui para identificar D&T e o que é feito em países que não desperdiçam seus talentos. Nessas nações, recorrer aos docentes nesse processo de avaliação, fazendo uso de uma medida com evidências de validade, é, de acordo Ziegler e Raul (2000), algo bastante comum.

Ressalta-se, ainda, que os docentes desempenham um papel ímpar no letramento e podem, segundo Jarosewich e cols. (2002), utilizar a vasta quantidade de observações que têm sobre os discentes para ajudar a identificar os leitores com D&T, se munidos de ferramentas adequadas. A Escala de Características de Leitura parece ser uma delas.



## REFERÊNCIAS

- Balchin, T. (2007). Identifications of the gifted: the efficacy of teacher nominations in British schools. *Journal of the National Association for Gifted Children*, 11(1), 5-17.
- Barbosa, A. J. G., Pereira, C. E. S. & Gonçalves, F. C. (2009). A nomeação de alunas e alunos talentosos por professores [CD-ROM]. Em: Associação Brasileira de Educação Especial e Universidade Estadual de Londrina (Org.), *Anais do V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial*. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina.
- Barbosa, A. J. G., Pereira, C. E. S., Passos, C. P., Oliveira, E. A., Gonçalves, F. C., Miranda, O. B. e cols. (2007). *Identificação e desenvolvimento de talentos: nomeação por professores*. Juiz de Fora, MG: Autores.
- Bracken, B. A. & Brown, E. F. (2008). Early identification of high-ability students: clinical assessment of behavior. *Journal for the Education of the Gifted*, 31(4), 403-426.
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução CFP nº 002/2003*. Recuperado em 28 de dezembro, 2010, de: <http://www.crp07.org.br/upload/legislacao/legislacao47.pdf>.
- Dancey, C. & Reidy, J. (2006). *Estatísticas em matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Freeman, J. & Güenther, Z. C. (2000). *Educando os mais capazes: idéias e ações comprovadas*. São Paulo: E.P.U.
- Gagné, F. (1995). Learning about the nature of gifts and talents through peer and teacher nominations. Em: M. W. Katzko & F. J. Mönks (Orgs.), *Nurturing talent: Individual needs and social ability* (pp. 20-30). Assen: Van Gorcum.
- Güenther, Z. C. (2006). *Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão*. Petrópolis: Vozes.
- Güenther, Z. C. (2008). CEDET – Identificação. *Coleção "Debutante"*. Volume 2. Lavras: ASPAT.
- Heller, K. A. & Perleth C. (2008). The Munich High Ability Test Battery (MHBT): A multidimensional, multimethod approach. *Psychology Science Quarterly*, 50(2), 173-188.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2007). *Prova Brasil - Avaliação do Rendimento Escolar*. Recuperado em 20 de fevereiro, 2010, de: <http://sistemasprovabrazil2.inep.gov.br/ProvaBrasil-Resultados/home.seam>.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2009). *ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio*. Recuperado em 20 de fevereiro, 2010, de: <http://sistemase-nem.inep.gov.br/enemMediasEscola>.
- Jarosewich, T., Pfeiffer, S. I. & Morris, J. (2002). Identifying gifted students using teacher rating scales: a review of existing instruments. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 20(4), 322-336.
- Lohman, D. F. & Lakin, J. (2007). Nonverbal test scores as one component of an identification system: integrating ability, achievement, and teacher ratings. Em: J. VanTassel-Baska (Org.), *Alternative assessments for identifying gifted and talented students*. (pp. 41-66). Austin, TX: Prufrock Press.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Moore, M. (2005). Meeting the educational needs of young gifted readers in the regular classroom. *Gifted Child Today*, 28(4), 40-65.
- Neber, H. (2004). Teacher identification of students for gifted programs: nominations to a summer school for highly-gifted students. *Psychology Science*, 46(3), 348-362.
- Oliveira, P. (2007). *Alunos sobredotados: a aceleração escolar como resposta educativa*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade do Minho, Braga. Recuperado em 02 de maio, 2008, de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt>.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM & IBAPP.

- Pasquali, L. (2003). *Validade em psicometria: teorias dos testes na psicologia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (Org.) (2010). *Instrumentação psicológica: fundamentos e prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, C. E. S. (2010). *Identificação de estudantes talentosos: uma comparação entre as perspectivas de Renzulli e Güenther*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- Renzulli, J. S. (1978). What makes giftedness? Re-examining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60, 180-184.
- Renzulli, J. S. (1990). A practical system for identifying gifted and talented students. *Early Child Development and Care*, 63(1), 9-18.
- Renzulli, J. S. (2004). O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Educação*, 52(1), 75-131.
- Renzulli, J. S. (2005). The three-ring conception of giftedness: A developmental model for promoting creative productivity. Em: R. J. Sternberg & J. Davidson (Orgs.), *Conceptions of giftedness* (2. ed.) (pp. 246-279). Boston, MA: Cambridge University Press.
- Renzulli, J. S. & Reis, S. M. (1985). *The schoolwide enrichment model: A comprehensive plan for educational excellence*. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.
- Renzulli, J. S., Reis, S. M. & Smith, L. (1981). *The revolving door identification model*. Mansfield Center, CT: Creative Learning.
- Renzulli, J. S., Siegle, D., Reis, S. M., Gavin, M. K. & Reed, R. E. S. (2009). An investigation of the reliability and factor structure of four new scales for rating the behavioral characteristics of superior students. *Journal of Advanced Academics*, 21(1), 84-108.
- Renzulli, J. S., Smith, L. H., White, A. J., Callahan, C. M. & Hartman, R. K. (1976). *Scales for Rating the Behavioral Characteristics of Superior Students*. Wethersfield, CT: Creative Learning Press.
- Renzulli, J. S., Smith, L. H., White, A. J., Callahan, C. M., Hartman, R. K. & Westberg, K. L. (2002). *Scales for Rating the Behavior Characteristics of Superior Students: Revised edition*. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.
- Renzulli, J. S., Smith, L. H., White, A. J., Callahan, C. M., Hartman, R. K. & Westberg, K. L. (2004). *Scales for Rating the Behavioral Characteristics of Superior Students*. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.
- Santos, A. A. A. (2005). *O teste de Cloze como instrumento de avaliação da compreensão em leitura*. Relatório Técnico. Itatiba, SP: Universidade São Francisco.
- Schroth, S. T. & Helfer, J. A. (2008). Identifying gifted students: educator beliefs regarding various policies, processes, and procedures. *Journal for the Education of the Gifted*, 32(2), 155-179.
- Shaunessy, E. & Karnes, F. A. (2004). Instruments for measuring leadership in children and youth. *Gifted Child Today*, 27(1), 42-47.
- Siegle, D. (2004). Identifying students with gifts and talents in technology. *Gifted Child Today*, 27(4), 30-64.
- Siegle, D. & Powell, T. (2004). Exploring teacher biases when nominating students for gifted programs. *Gifted Child Quarterly*, 48(1), 21-29.
- Siegle, D., Moore, M., Mann, R. L. & Strulson, A. (2006). Factors that influence inservice and pre-service teachers' nominations of students for gifted and talented programs. Em American Education Research Association (Org.), *Annual Meeting*. San Francisco, CA. Recuperado em 02 de julho, 2011, de: <http://www.gifted.uconn.edu/siegle/Conferences/Del%20Siegle%20Teacher%20Identification%20Bias.pdf>.
- Stein, L. M. (1994). *Teste de Desempenho Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tudor, P. (1994). *Identification of gifted students. An examination of the use of nomination forms for the identification of gifted students at third and fourth grade level*. University of Alberta. Recuperado em 02 de dezembro, 2008, de: <http://gcq.sagepub.com>.
- Wood, P. F. (2008). Reading instruction with gifted and talented readers: a series of unfortunate

events or a sequence of auspicious results? *Gifted Child Today*, 31(3), 16-25.

Ziegler, A. & Raul, T. (2000). Myth and reality: a review of empirical studies on giftedness. *High Ability Studies*, 11(2), 113-136.

*Recebido em junho de 2011*  
*Reformulado em fevereiro de 2012*  
*Aceito em maio de 2012*

**SOBRE OS AUTORES:**

*Altemir José Gonçalves Barbosa*, Psicólogo, doutor em Psicologia Profissão e Ciência (PUC-Campinas). Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

*Lara Carolina de Almeida*, Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Psicóloga escolar no Centro de Estudos Integrados de Barra do Piraí.

